

O índice cefálico da população do Pôrto

POR

LUÍS DE PINA

Assistente de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto
Chefe dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto

(Trabalho apresentado à Soc. Port. de Antrop. e Etnol.
em 21 de Janeiro de 1931)

No desejo de contribuir com alguns estudos pessoais para a elaboração dos cânones portugueses antropológicos, encetei no Laboratório dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto, da direcção do sr. prof. dr. J. A. Pires de Lima, uma série de investigações antropológicas no vivo, considerado normal, e no delinquente. Fácil se me torna a tarefa atendendo à abundância de material que por aqueles serviços diariamente passa, quer na Secção de Identificação Civil, quer na de Antropologia Criminal (1). Na primeira, os indivíduos observados são de tôdas as posições sociais e idades, de ambos os sexos, acrescentando que os pertencentes às diversas províncias portuguesas são também em grande número. Desta forma posso seleccioná-los, estudando-os por departamentos. Assim é que, de entre perto de 1.500 indivíduos já estudados, pude obter duas séries de obser-

(1) Nas mensurações praticadas nos laboratórios das 2 secções, sou auxiliado pelos funcionários deste serviço srs. Antero Fernandes e Manuel Brandão (Identificação Civil) e Urbano Cardoso, Henrique Cabral e Mário Cabral (Antropologia Criminal), aos quais agradeço o cuidado e o interesse que têm demonstrado.

vações, uma de 200 homens, outra de 155 mulheres, naturais do Pôrto, com ascendentes originários desta cidade, o que se comprova pelas respectivas certidões de idade no nosso Arquivo guardadas. São pois 355 portuenses (200 masculinos e 155 femininos), todos de idade igual ou superior a 25 anos, idade limite escolhida para afastar possíveis influências do crescimento.

Além do índice cefálico outras mensurações tenho registadas, que a seu tempo tornarei públicas, não só da população do Pôrto mas das restantes regiões do País, especialmente de Entre-Douro e Minho. O valor destas notas não está em meu mérito, mas sim no delas próprias, pois é sabido o quanto se torna difícil a obtenção de séries de indivíduos vivos como estas que apresento. A par, estou observando também nos criminosos recolhidos na Cadeia Civil desta cidade os mesmos elementos antropológicos que estudo nos indivíduos considerados não delinquentes, de forma a obter confrontos necessários para certos estudos de Antropologia Criminal, um dos fins para que foram criados os citados serviços. Possuo também nesta ocasião perto de 500 fichas antropológicas de delinquentes, as quais contêm, entre outras, observações sobre a morfologia da orelha e do nariz, índice cefálico, auricular, nasal, esquelico, estatura-braça, côr dos olhos, dos cabelos, etc., etc. Brevemente publicarei o resultado dessas observações, numerosas e sistemáticas, atendendo a que estes estudos estão muito pouco desenvolvidos em Portugal, devendo-se ao sr. prof. Mendes Corrêa o último e relativamente mais completo trabalho sobre o assunto (1).

Os 355 indivíduos naturais da cidade do Pôrto desempenham diferentes profissões: operários, agricultores, trabalhadores, estudantes, advogados, médicos, etc.

(1) Mendes Corrêa, *Os criminosos portugueses*. Coimbra, 1914.

O índice cefálico obtido nestas duas séries foi:

♂ — 74.93 Erro provável — Em = ± 0,185 Desvio padrão = σ = 2.61

♀ — 75.79 Erro provável — Em = ± 0,303 Desvio padrão = σ = 3.45

variando o seu valor entre 67 e 83 na série ♂ e entre 66 e 85 na série ♀.

Na série masculina observa-se a maior frequência do índice entre 73 e 77 (142 casos em 200), e na feminina igualmente entre 73 e 77 (102 casos em 155).

Poderemos pois classificar os índices cefálicos masculinos e femininos da seguinte forma (Martin) (1):

		♂	♀
Dolicocéfalos	X — 75.9	58 0/0	43.8 0/0
Mesocéfalos	76.0 — 80.9	40 0/0	49.0 0/0
Braquicéfalos	81.0 — 85.4	2 0/0	6.9 0/0
Hiperbraquicéfalos	85.5 — X	—	—

Para os podermos confrontar melhor com os resultados obtidos por autores portugueses em indivíduos doutras regiões, apresento o seguinte quadro, ampliando o já publicado pelo dr. J. dos Santos Júnior, e modificando assim a classificação (2):

(1) R. Martin, *Lerbuch der anthropologie*. Iena, 1928.

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico de S. Pedro (Mogadouro)*. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. II, fasc. II. 1924. Pôrto.

QUADRO I

Índice cefálico	Vila Real — J. BRANCO		S. Pedro — S. JÚNIOR		Beira Alta — M. CORRÊA		Minho — F. CARDOSO		Pôrto — L. PINA	
	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰
Dolicocéfalos (até 76.9)	37	74	24	88.8	76	71	79	44.5	142	76.0
Mesaticéfalos (de 77 a 81.9)	12	24	3	11.1	31	29.0	51	46.4	46	23.0
Braquicéfalos (82 para cima)	1	2	0	—	0	—	10	9.1	2	1.0
No país — 76.3	75.5		73.30		75.3		78.1		74.93	

Com ligeiras diferenças, a média da série masculina da população citadina portuense concorda com a dos Trasmontanos (Vila Real) e aproxima-se da dos Beirões, havendo portanto uma certa afinidade entre êles e os Durienses, afastando-se êstes claramente dos tipos Minhotos e certos Trasmontanos (S. Pedro de Mogadouro).

O valor da minha média corresponde à série masculina. A média das séries ♂ e ♀ será pois 75.3, que se aproxima da dos Beirões (M. Corrêa) e Trasmontanos (J. Branco).

Podemos pois concluir que a população da cidade do Pôrto (♂) é nitidamente dolicocefala, aproximando-se assim da Trasmontana e da Beirã, em geral; ao mesmo tempo afasta-se da Minhota, claramente mesaticéfala. A Mulher portuense é um pouco menos dolicocefala.

A dolicocefalia é mais acentuada nos Portuenses que nos oriundos das demais províncias nortenhas, à excepção do núcleo populacional de S. Pedro de Mogadouro, que acusa maior percentagem de dolicocefalos. Porém, a mesaticefalia identifica-se com a dos vila-realenses, sendo a sua frequência muito maior que nos portugueses de S. Pedro de Mogadouro. Os braquicéfalos, como de resto nas outras Províncias (excluindo o Minho), são em número reduzidíssimo.

A mulher portuense apresenta os seguintes valores no índice cefálico, conforme a classificação do quadro anterior:

Dolicocefalos	até 76.9	60.6 ‰
Mesaticéfalos	77 a 81.9	36.7 ‰
Braquicéfalos	82 para cima	2.5 ‰

Emparelhados, seguem os quadros das percentagens masculinas e femininas:

Dolicocefalos	76.0 ‰	60.6 ‰
Mesaticéfalos	23.0 ‰	36.7 ‰
Braquicéfalos	1 ‰	2.5 ‰

Seja-me perdoada agora a digressão que, para necessários cotejos, tenho de fazer pelo campo das observações de outros investigadores. Fonseca Cardoso apresentou algures o seguinte quadro de índices cefálicos médios nas diferentes províncias portuguesas:

Minho	78.7
Douro (Pôrto)	76.2
Trás-os-Montes	75.2
Beira Alta	75.2
Beira Baixa	75.5
Estremadura	76.8
Alentejo	76.5
Algarve	77.1
No País	76.3

Vê-se que o índice médio por mim encontrado para a cidade do Pôrto foi de 75.3, que se afasta quasi uma unidade do indicado no quadro anterior (76.2), respeitante também ao Pôrto, aproximando-se do índice médio de Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa. Êste resultado assemelha-se ao que já atrás ficou indicado. Se, como afirma o prof. Mendes Corrêa (1), naquelas províncias «os representantes da raça dolicocefala de Muges (tipo Beaumes-Chaudes), que constitui o fundo antropológico do povo português» se encontram «num estado de relativa pureza», podemos também pensar que o tipo portuense citadino, a-pesar-de influenciado por outros tipos provinciais e quiçá estrangeiros do norte, se conserva num estado de certa pureza étnica. Se a dolicocefalia marca êsse estado, já vimos como esta, na série masculina, é bem flagrante. A menor dolicocefalia na mulher portuense está de acôrdo com o que muitos autores referem a propósito da

(1) M. Corrêa, *ob. cit.*

diferença sexual respectiva. Assim é que, se na série de índices cefálicos apresentada por Martin (1), correspondentes a vários povos ou tipos, procurarmos essa diferença, vemos que em 72 grupos de valores masculinos e femininos se encontram:

Índice cefálico maior na mulher	33 grupos
» » menor » »	25 »
» » igual ou quasi igual no homem e na mulher	14 »

Predomina pois um índice cefálico maior na mulher, o que concorda com o que dizem diversos investigadores, entre êles Fonseca Cardoso (2). Ê curioso notar que os grupos acima citados, apresentando um tipo dolicocefalo, são aqueles em que o índice cefálico é sempre maior na mulher que no homem (só uma vez, em 8 grupos, se revela o contrário). Isto se conjuga com o que se passa no grupo português que estudei, também dolicocefalo.

Se agora compararmos o índice cefálico masculino e feminino da população da cidade do Pôrto com o de outras regiões estrangeiras, vemos que no citado quadro de Martin não existe, entre os dolicocefalos (X-75.9), grupo algum europeu. Aí se deve incluir porém o índice que estou apresentando.

Em populações asiáticas, africanas, americanas e da Oceania encontramos índices que dêle se aproximam, correspondentemente aos homens; as séries femininas são em muito reduzido número no quadro de Martin, porém podemos cotejar o índice cefálico da mulher portuense com os de estrangeiras apresentados pela Doutora E. Graffi (3); chegamos à conclusão que êle ocupa a cabeça

(1) R. Martin, *Op. cit.*, vol. II, págs. 775 a 778.

(2) F. Cardoso, *O minhoto de Entre-Cávado e Ancora*, in «Portugalia», t. I, fasc. I.

(3) E. Graffi, *Proporzioni corporee e caratteri somatici di un gruppo di studentesse dell'Università di Bologna*. «Endocrinologia e Patologia costituzionale», vol. V (nova série), fasc. IV. 1930. Bologna.

do rol, sendo o índice mais baixo nêle patente igual a 77.1 (Espanholas, Weissenberg), e o mais alto igual a 85.4 (Alemãs, Oppenheim).

Segundo os quadros referidos, as populações portuense e trasmontana de Mogadouro são as mais dolicocefalas da Europa. O prof. Paul Boncour apresentou também um quadro de índices cefálicos de diversas populações do globo, no qual inclui, entre os dolicocefalos, somente os seguintes europeus: Portugueses, Corsos e Espanhóis de Valência, com os índices respectivos de 76.8, 76.6 e 76.8, correspondentes às médias masculinas de 10, 500 e 502 indivíduos. Aqui, como se nota, são os Corsos os mais dolicocefalos europeus. Porém acho insuficiente o número de portugueses observados (autor desconhecido). O índice cefálico médio é de 76.3, número que, no entanto, concorda com aquele (1).

Pena é, contudo, nada nos dizerem por vezes os diversos antropologistas sobre o número de indivíduos observados nos 2 sexos, nem tão pouco sobre a idade dos mesmos. Julgo as minhas séries suficientes — não só no que diz respeito ao número dos casos, como às idades escolhidas, que disse já serem iguais ou superiores a 25 anos — para se chegar às conclusões que apresentei.

Trabalho subvencionado pela *Junta de Educação Nacional*.

(1) P. Boncour, *Anthropologie Anatomique*. Paris, 1912.